



Fabiano José de Andrade www.eneseb.com.br
contato@eneseb.com.br

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA.

GT 17: Teorias e métodos: Como fazer do ensino de sociologia um campo de
pesquisas?

EXPERIÊNCIA ESCOLAR E PERSPECTIVAS DO ESTUDANTE/TRABALHADOR
DE TORITAMA/PE: ENTRE OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO E AS EXIGÊNCIAS
DO TRABALHO NA CONFECÇÃO.*

Belém, Pará.

2021

* Trabalho realizado no programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional/PROFSOCIO na Universidade Federal de Campina Grande. Concluído em 2020, a pesquisa recebeu bolsa de estudos fornecida pela CAPES.

Introdução:

A experiência docente na rede pública de ensino na cidade de Toritama, no agreste de Pernambuco é o ponto de partida da presente artigo que resultou numa dissertação de mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande. Toritama é um município que fica a 170 km de Recife e foi fundada em 1953, sempre teve forte vocação industrial, inicialmente pela fabricação de calçados que marcou duas primeiras décadas de emancipação e, em seguida, pela produção de roupas com destaque para a confecção de jeans.

O enfraquecimento da atividade calçadista ocorreu em função da concorrência com as grandes indústrias de calçado. Segundo alguns moradores mais antigos os “*sapatos de fora*” recém-chegados logo ganharam a preferência da população acelerando o declínio da produção local.

À época já se desenvolvia em Santa Cruz do Capibaribe e, posteriormente em Caruaru, cidades vizinhas, a produção de roupas de baixo custo que tinham como matéria-prima retalhos trazidos de São Paulo e que ficaram conhecidas como *sulanca*, inicialmente um termo utilizado de forma muito pejorativa por se tratar de roupas simples e sem etiqueta, “as peças produzidas eram destinadas às populações mais pobres e tinham como principal atrativo os preços baixos” (OLIVEIRA, 2013, p. 238).

Ao passo que resgatava a economia da cidade, a *sulanca* também possibilitava à população de baixa renda consumir aquelas peças ainda com um pesado traço de distinção social, já que “vestir uma roupa com este pano era uma prova de grande pobreza” (ARAÚJO, 2007, p. 330).

Assim, o final dos anos 1970 e o início da década de 1980 marcaram o declínio do calçado em Toritama concomitante ao surgimento da confecção. Nesse ínterim foi importante tanto a vocação e conhecimento fabril, como a experiência com a produção calçadista em boa parte aproveitada na nova especialidade que surgia.

A mudança do ramo de calçados para o ramo de confecções de roupas jeans ocorreu a partir do fim da década de 70 e por toda a década de 80. Para a montagem dos fabricos de roupas jeans, os fabricantes contavam com experiência, pois a maioria dos fabricantes eram pessoas ligadas direta ou indiretamente ao ramo de calçados, portanto, possuindo experiência no ramo de atividades industriais (SILVA, 1994, p. 20).

Mesmo com essa carga depreciativa foi a atividade da *sulanca* que deu início à recuperação econômica da cidade, nesse ponto ajudada até mesmo pela localização geográfica, isto é, por estar na rota entre Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, duas cidades onde o aparecimento das chamadas feiras da Sulanca se deu primeiro.

A partir do surgimento dessas feiras essa confecção passou a atrair compradores de outros estados e regiões e, conseqüentemente, empregar cada vez mais pessoas nas três cidades que viriam a formar o Polo de Confeções do Agreste. Ainda assim, a Sulanca, enquanto produção industrial importante desse polo, não desempenha o mesmo papel na economia de cada um dos três municípios. A economia pouco diversificada e o cenário marcado pela crise do calçado fizeram com que a população de Toritama se tornasse mais dependente da atividade *sulanqueira* do que Santa Cruz do Capibaribe e Caruaru, esta última com a economia bem mais dinamizada com relação às outras.

Essa característica gerou um fator positivo, pois, a qualificação da produção ocorrida nos últimos anos e o preço acessível acabou projetando Toritama nacionalmente como a “*Capital do Jeans*”. Por outro lado, numa perspectiva mais negativa, a cidade cresceu com uma maior dependência dessa indústria que atualmente encontra forte concorrência tanto no Brasil quanto no exterior. Além disso, as tensões com a fiscalização e a persistente informalidade dão ao funcionamento desta cadeia um caráter bem peculiar, seja em Toritama ou nas outras cidades do Polo de Confeções do Agreste¹:

O crescimento nos volumes de produção e comercialização, sua projeção regional e nacional, a entrada em cena de grandes atacadistas, uma cada vez maior exposição à concorrência frente a outras regiões produtoras (inclusive de base internacional, como a China), uma maior presença do Estado (com ações de fiscalização, de orientação, de institucionalização, de investimento em infraestrutura e serviços), entre outros fatores, vêm concorrendo para alterar sua configuração, inclusive no que se refere à dinâmica formal informal. Isso, não necessariamente no sentido do simples avanço de um termo em detrimento do outro, mas sobretudo no de estabelecer novos processos envolvendo essa dualidade de situações, algo que podemos tratar como novas formas e dinâmicas de informalização-formalização. (OLIVEIRA, 2013, p. 233-234).

O fato é que a confecção de roupas nas diversas fases da sua produção (corte, costura, lavagem e acabamento), juntamente com outras atividades ligadas a ela

¹ É o nome que se dá ao aglomerado industrial do Agreste pernambucano voltado para a atividade da confecção. Segundo Oliveira (2013), essa denominação passou a ser utilizada no começo dos anos 2000 por iniciativa do SEBRAE e do SINDIVEST (Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Pernambuco) visando a modernização das atividades ali desenvolvidas. Caruaru-PE, Santa Cruz do Capibaribe-PE e Toritama-PE são consideradas as principais cidades do Polo, embora sua influência chegue a outras cidades do interior de Pernambuco e da Paraíba.

(comércio de aviamentos, transporte alternativo, trabalhadores informais responsáveis pela montagem e desmontagem de barracas, entre outras), além do próprio comércio e escoamento da roupa produzida passou a ocupar a maior parte não só da população economicamente ativa de Toritama, mas também de grupos não enquadrados nesse conceito a exemplo de crianças menores de 10 anos inseridas de modo precário e ilegal. A informalidade é um dos traços mais fortes de toda esta cadeia produtiva. Sobre este aspecto em específico vale observar os estudos BRAGA, 2019 e FUNDAJ, 2008.

Tomando como recorte a escola de Ensino Médio Estelita Timóteo, localizada na cidade de Toritama, interessou-nos detalhar a relação entre escola e trabalho, investigando como e o que fazem os estudantes na tentativa de conciliar (ou não) esses dois mundos focando, especificamente, naqueles inseridos em alguma atividade ligada à confecção de roupas, principal atividade econômica da cidade.

É dentro da minha experiência de professor de Sociologia na referida escola que surgem as provocações que deram origem e justificção à pesquisa. A relevância que o trabalho na confecção alcançou nas diversas esferas da vida social do município é de difícil mensuração. Na Educação, especificamente, um bom ponto de partida para entender os impactos dessa pujança econômica da forma como ocorreu é a frase que um consultor do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE ouviu enquanto prestava consultoria no Polo de Confecções: *“por que parar de trabalhar para estudar, se aprendi a costurar com a minha vó?”*.

Essa indagação que está na reportagem Polo de Confecções do Agreste: da Sulanca à Industrialização, do Jornal do Comércio de 14 de dezembro de 2014 edição online (FELIPE, 2014), ainda se faz presente na mente de alguns jovens do Ensino Médio da cidade e não se trata de pensamentos dispersos e alheios à realidade concreta, já que possui desdobramentos práticos que impactam negativamente na trajetória escolar de muitos estudantes.

A temática de pesquisa surge desses desdobramentos e é fruto das observações feitas ao longo dos mais de dez anos de docência (2010-2020) no Ensino Médio da Escola Estelita Timóteo. O desafio posto foi, portanto, examinar à luz da sociologia todo esse apanhado empírico a partir de critérios metodológicos específicos.

Um elemento a ser destacado nessa dinâmica é a predominância do trabalho com relação a outras dimensões da vida pessoal e social. Na educação, ainda hoje, há os que são levados a enxergar a escola como obstáculo aos ganhos gerados pelo jeans, já que a

confeção de roupas é a principal atividade provedora. Tal condição fica clara nas épocas de comércio aquecido (as chamadas “*feiras boas*”) que se refletem no esvaziamento das salas de aula em função, principalmente, da extensão da jornada de trabalho, os famosos *serões*.

No seu estudo sobre a inserção dos jovens na cadeia produtiva do Polo de Confeções do Agreste tomando como base a experiência jovens do Cariri Paraibano, Neves (2019, p. 46) reflete:

No que tange esse assunto a literatura tem constatado com unanimidade que dentro do Polo as relações com escola são extremamente incipientes, do ponto de vista da elevação no grau de estudo, de modo que grande parte das pessoas que estão ligadas a confecção não tem escolaridade elevada, dada a facilidade de ingresso no ramo sem necessitar de muitos requisitos educacionais.

Por outro lado, num aspecto também peculiar da cidade, há vários estudantes com um poder aquisitivo alto se comparado aos padrões de adolescentes e jovens de escola pública. Facilmente se percebe que o consumo de bens é um traço forte de parte desses estudantes que adquirem roupas, sapatos, celulares e até mesmo outros itens de maior valor agregado como motos e carros com dinheiro próprio.

A confecção de roupas dita o ritmo e a paisagem de Toritama. Para nosso estudo virou um desafio perceber como os estudantes se enxergam nessa realidade. Daí, o passo seguinte da pesquisa foi conversar com esses estudantes para compreender como eles se veem naquele movimento complexo e até certo ponto naturalizado. Ainda que em caráter informal, essas conversas foram essenciais na formulação do problema de pesquisa. Isso porque, esses pequenos bate-papos que ocorriam quase sempre no final das aulas se transformaram num laboratório de observação participante que permitiu enxergar a condição daqueles estudantes como um fenômeno sociológico e não mais como um traço do cotidiano, como bem observa Oliveira (2016, p. 80-81):

[...] as observações visam buscar os fundamentos na análise do meio onde vivem os atores sociais. Em pesquisas qualitativas, os dados não podem ser considerados como fatos isolados, observados desde que estejam relacionados ao contexto em suas múltiplas relações. São, portanto, *fenômenos*, que se manifestam de diferentes formas e que precisam ser percebidos além das *aparências*. Vai-se à essência desses fenômenos e dos fatos através da dinâmica e conexões do objeto de estudo.

Essa nova visão permitiu desnaturalizar a realidade que já se tornara normal e espontânea para a maioria dos sujeitos da escola e formulá-la num problema de pesquisa cujo objetivo principal foi indagar: de que forma o trabalho na confecção interfere na trajetória escolar dos estudantes inseridos nessa cadeia? O que os motiva a continuar

estuardo, considerando as condições adversas que enfrentam? Como os estudantes-trabalhadores lidam com os obstáculos para a continuidade dos estudos? Destas indagações principais outras se seguiram: como esses estudantes enxergam o lugar da escola no seu projeto de vida mais amplo e na carreira profissional em específico? E ainda, considerando as jornadas de trabalho prolongadas e o intenso desgaste físico decorrente delas, quais estratégias eles vêm adotando para conciliar (ou não) as atividades laborais e as escolares?

O desenvolvimento da pesquisa se deu na já citada Escola Estelita Timóteo que passou a ter outra representação para além de um local de trabalho assumindo, também, a ideia de campo de pesquisa no sentido definido por Minayo (2016, p. 57): “Entendemos campo, na pesquisa qualitativa, como um recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto de investigação”. Essa dupla concepção do mesmo espaço físico também repercutiu nos estudantes que agora não eram mais vistos somente enquanto tais, mas também, como sujeitos de investigação inseridos num ambiente de complexidades a serem exploradas, Minayo (2016, p. 57):

Os sujeitos/objetos de investigação, primeiramente, são construídos teoricamente enquanto componentes do *objeto de estudo*. No campo, eles fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando num produto compreensivo que não é a realidade concreta e sim uma descoberta construída com todas as disposições em mãos do investigador: suas hipóteses e pressupostos teóricos, seu quadro conceitual e metodológico, suas interações, suas entrevistas e observações, suas inter-relações com os colegas de trabalho.

Do ponto de vista dos instrumentos de pesquisa fez-se necessário um combinado de ferramentas que dessa consistência à natureza qualitativa da pesquisa sem subtrair a importância dos dados quantitativos. Seguindo esse raciocínio foram utilizados questionários e realizadas entrevistas em momentos diferentes. Isso porque os resultados do primeiro serviram de subsídio para a elaboração das perguntas da segunda.

O questionário foi elaborado de modo a proporcionar um apanhado de informações mais gerais do grupo pesquisado na sua relação com o problema de pesquisa. Em suma, solicitava alguns dados pessoais e estudantis, trazia questões sobre o perfil socioeconômico dos estudantes e suas famílias e, em sua maior parte, arguia os entrevistados sobre a sua ocupação na cadeia produtiva da confecção e em quais

condições exercia essa função. Por fim, uma questão aberta indagava sobre as perspectivas futuras de cada um deles.

O levantamento foi feito entre os meses de novembro de 2019 e fevereiro de 2020 com 60 estudantes dos três turnos da escola (manhã, tarde e noite) abrangendo também, as três séries do ensino médio (1º, 2º e 3º ano). Esse quantitativo representa 7,5% do corpo discente, muito embora não se trate de uma amostragem probabilística e essa distribuição foi adotada como critério com o objetivo de abranger diferentes pontos de fala.

A etapa das entrevistas se seguiu à dos questionários porque foi a partir de uma breve análise destes que perguntas motivadoras foram elaboradas. Além de dar voz aos estudantes o objetivo nesta fase foi explorar questões mais particulares da sua relação com o trabalho, pontos de uma dimensão subjetiva não revelados nos questionários pois, escapam a qualquer método quantitativo. Trabalhamos, portanto, com o que Minayo (2016, p. 59) vai chamar de dados secundários:

A entrevista como fonte de informação pode nos fornecer dados secundários e primários de duas naturezas: (a) os primeiros dizem respeito a fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis, documentos, atestados de óbito e outros; (b) os segundos – que são objetos principais da investigação qualitativa – referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia.

Com o processo de investigação em marcha percebeu-se que a entrevista individual não seria a mais apropriada por duas questões, uma logística e outra que tem a ver com uma inquietação dos entrevistados. A primeira diz respeito ao quantitativo de jovens alcançados pela amostragem que inviabilizou os encontros um a um; a segunda se refere ao receio que muitos ainda têm de falar sobre seu trabalho, pois trata-se de uma realidade vivida, porém, pouco ou nunca confrontada, fazendo com que ficassem na defensiva diante das perguntas. Por isso, conforme Haguette (2013, p. 85):

[...] devemos estar atentos para a própria situação da entrevista e para a situação peculiar do entrevistado que também pode influenciar a natureza das informações prestadas. Argyris (1969) apresenta algumas especificidades da situação da entrevista que podem levar os entrevistados a um estado de nervosismo e ansiedade:

- 1) as entrevistas representam situações psicológicas novas para o entrevistado. Como tal, ele não percebe bem seus objetivos nem sabe bem como se comportar;
- 2) embora conhecendo os mecanismos de uma entrevista, alguns entrevistados não gostam da natureza autoritária do relacionamento entre ele e o entrevistador, pois se sentem de alguma forma subjugados.

Esse contratempo exigiu uma pequena modificação no itinerário metodológico anteriormente pensado sem que isso implicasse na substituição da entrevista por outro mecanismo ou na desistência da mesma. Até porque trata-se de um importante recurso para pesquisas de cunho qualitativo.

A formação de grupos focais apresentou-se como a solução ideal tanto porque desmantelou a hierarquia que existe entre entrevistador e entrevistados, fazendo com que eles conversassem mais à vontade a partir do que era colocado pelas perguntas norteadoras, quanto por permitir que mais estudantes fossem ouvidos em menos tempo.

No entanto, a real dimensão de utilidade dos grupos focais é o seu papel interativo, permitindo a formação de consensos sobre determinado assunto ou de mostrar dissensos a partir das mútuas argumentações, ao contrário das entrevistas que costumam ocorrer de forma solitária. Desta forma, seu resultado é único e diferente do que o pesquisador possa obter numa interlocução com apenas uma pessoa. (MINAYO, 2016, p. 62).

Foram realizadas 3 entrevistas por meio de grupos focais envolvendo de 10 a 16 estudantes cada grupo sendo um em cada turno. A duração variou entre 15 e 25 minutos e aconteceram na própria escola no intervalo das provas ou em momentos de encaixe entre uma atividade e outra.

Desenvolvimento:

Participaram estudantes do 1º, 2º e 3º anos dos três turnos em sua grande maioria abaixo dos 18 anos. Dentre os 60 jovens pesquisados 27 eram do sexo masculino e 33 do feminino, quase não apresentam distorção idade-série, são predominantemente solteiros e residentes na área urbana, oriundos, sobretudo, de escolas públicas e parte se autodeclara branca, mas a cor parda prevalece.

A contextualização das relações familiares foi de fundamental importância para entender a trajetória destes estudantes/trabalhadores, pois é por meio da família que são inseridos na confecção e é ela que exerce, muitas vezes, o papel de patronato. Esse “conjunto interligado de disposições” chamado por Souza (2012, p. 50) de *capital familiar* traz em si representações elucidativas da noção de *classe* que, segundo ele, escapa às teorias dominantes.

Nesse tópico, o perfil predominante é o da família tradicional nuclear e/ou matrimonial com algumas poucas monoparentais possuindo entre 3 e 5 membros por domicílio, predominantemente. Sobre o nível de instrução desses pais e mães observou-se que a maior parte não terminou o Ensino Fundamental, etapa mais elementar da

Educação Básica, Respectivamente, 68,3% e 63,3% destes responsáveis sequer concluíram a antiga 4ª série. Na outra ponta dessa escala apenas 1 mãe foi apresentada ao Ensino Superior.

O perfil de menoridade do grupo entrevistado repercutiu fortemente na questão do local de trabalho dos entrevistados. Prevaleceu o fabrico e a facção (geralmente na própria casa ou na casa de parentes próximos), além da feira que são espaços onde a informalidade pode prevalecer. Outros espaços como a lavanderia e a fábrica sequer foram citados provavelmente por já serem alvo de alguma fiscalização trabalhista e exigir a maioria.

A feira que ocorre semanalmente aparece como um forte aspecto das jornadas extensivas. Isso vai acontecer porque são muitos os que acumulam a atividade de vendedor, o que compromete parte ou todo o final de semana dependendo da época e do dia de realização da feira.

A atividade de vendedor, no entanto, é secundária, cumulativa na maioria dos casos prevalecendo a de costureira para 31 dos entrevistados, seguida pelos que se dedicam ao aprontamento das peças (15 jovens), que em alguns casos também é secundária, ou seja, não é a que toma mais tempo nem a que gera mais renda. Há ainda os que acumulam três atividades seguindo um raciocínio que estabelece uma atividade principal (quase sempre a de costura), mais uma atividade secundária, mais a de vendedor: *“porque, como o negócio é da gente (da família), é melhor fazer tudo do que pagar a outra pessoa de fora”*, diz GMS, grupo focal 02. Foi nesse sentido que 35 entrevistados, ou seja, 58,3% deles afirmam que a jornada diária de trabalho ultrapassa as 8 horas.

Para Souza (2012), o ambiente familiar ou parental não isenta o trabalho destes jovens da precariedade e do status de mercadoria, o que é próprio do capitalismo na sua fase atual.

Assim, encontramos pequenas oficinas de produção onde o trabalho era controlado segundo princípios fordistas. Em outros tipos de trabalho, as relações familiares de favor e proteção substituíam as relações impessoais para prejuízo dos trabalhadores que tinham jornada alongada de trabalho sem poder, reclamar do tio que havia lhe “dado” emprego. A regra fundamental é que parece não haver regra nesse heterogêneo mundo de produção familiar ou de produção de pequeno porte, tanto no campo quanto na cidade [...]

O pequeno proprietário da pequena fábrica de “fundo de quintal” não difere, muitas vezes, em termos de estilo de vida, do próprio trabalhador que emprega, muito frequentemente sem pagar direitos trabalhistas nem impostos de qualquer tipo [...] O real patrão, o capital tornado pessoal e

despersonalizado, é invisível agora, o que contribui imensamente para que todo o processo de exploração do trabalho seja ocultado e tornado imperceptível (SOUZA, 2012, p. 56-57).

A vantagem principal da qual muitos fazem citação está na possibilidade de adequar-se ao tempo da escola: *“minha mãe não deixa faltar a escola”*, explica GMS, grupo focal 02. Curiosamente, apesar do baixo grau de formação desses pais, existe a compreensão de que o jeans, por si só, não é mais suficiente para estes jovens, o que faz (re)surgir a escola enquanto parte dos projetos de vida dessa juventude.

O aprofundamento no debate sobre o trabalho familiar fez despertar um dado até então pouco observado que é o fato de, contraditoriamente, o tempo da escola ser respeitado pelos padrões que guardam parentesco familiar, algo já presente nos estudos de Lahire (1995, p. 334) quando afirma que *“o tema da omissão parental é um mito”*, no que se refere à suposta relação direta entre baixo capital cultural dos pais e fraco desempenho escolar dos filhos e completa: *“Nosso estudo revela claramente a profunda injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma ‘omissão’ ou uma ‘negligência’ dos pais”* (Ibidem, p. 334). Nesse sentido, 60% dos estudantes afirmaram nunca ter precisado faltar alguma atividade escolar por causa do trabalho.

No entanto, quando questionados sobre como conciliavam escola e trabalho, as respostas variadas partiam de um mesmo ponto: é impossível para esses estudantes elaborar qualquer planejamento de estudo que lhe exija um mínimo de tempo: *“geralmente faço essas atividades no recreio ou na aula de outro professor”* TPF, grupo focal 2; *“Faço depois da meia noite quando me levanto da máquina”* MMB, grupo focal 01; ou ainda: *“No tempo fora da escola não encaixa. Como? Se a gente vai até 10, 11 horas da noite?”*, respondeu LMF, grupo focal 1 que estuda pela manhã. Some-se a isso o percentual de estudantes que trabalha sábados, domingos e feriados que chegou a 80%. Assim:

A necessidade do trabalho se impõe desde cedo, paralelamente ao estudo, o qual deixa de ser percebido como atividade principal e única responsabilidade dos mais jovens como na *“verdadeira”* e privilegiada classe média. Esse fator é fundamental porque o aguilhão da necessidade de sobrevivência se impõe como fulcro da vida de toda essa classe de indivíduos. Como consequência, toda vida posterior e todas as escolhas – a maior parte delas, na verdade, escolhas *“pré-escolhidas”* pela situação e pelo contexto – passam a receber a marca dessa necessidade primária e fundamental. (SOUZA, 2012, p. 51).

O questionário aplicado era formado por 27 perguntas e uma delas era: considera que o trabalho toma algum tempo que gostaria de dedicar aos estudos? Para a qual 41 estudantes, ou seja, 68,3% responderam que *sim*.

Se concordarmos que a inserção precoce desses jovens no mundo do trabalho, da forma peculiar como acontece em Toritama, faz com que esse trabalho se torne a referência que direciona o seu modo de pensar e agir produzindo, portanto, “*uma formação durável, isto é, um habitus*” (BOURDIEU, 1992, p. 44), teremos nessa questão uma presunção a ser examinada.

Para a presente pesquisa, obter como resultado um percentual de 68,3% de estudantes que demonstram alguma preocupação com o tempo para a escola foi algo imprevisto, já que prevalecia, subjacente à hipótese, a ideia de que o trabalho afetava os estudos com uma certa permissão dos estudantes em função, principalmente, dos ganhos financeiros imediatos. Na direção contrária, o dado aponta para outra visão da relação trabalho/estudo: “*Assim, como eu trabalho em casa... por mim, dividia o tempo. Uma parte eu costurava e outra eu estudava*”, afirma VCB, grupo focal 02.

Esse movimento passa a ficar mais claro a partir da análise da última questão do formulário de pesquisa: *quais seus planos e objetivos a serem perseguidos após o fim do Ensino Médio?* Por ser a única questão aberta do formulário, os estudantes podiam discorrer sobre suas respostas com liberdade total de argumentos.

O fato é que, diante desse universo de possibilidades, o curso superior foi citado por 76,6% dos estudantes. Independente do termo utilizado seja “*fazer faculdade*”, “*entrar numa universidade*” ou “*estudar biomedicina em Caruaru*”, o que ficou claro é que a percepção da continuidade dos estudos entre estes estudantes/trabalhadores mostrou-se um propósito, por isso a angústia da falta de tempo para a escola.

Mas, o que estaria gerando estas novas expectativas nos estudantes? O *capital familiar*, do ponto de vista da formação do *habitus*, como vimos, não tem contribuído para inculcar disposições nos jovens da Escola Estelita Timóteo, de modo a fazê-los projetar uma situação melhor no futuro a partir dos sacrifícios no presente. No curso da pesquisa duas motivações puderam ser apuradas.

De início, uma possível explicação para o surgimento desse novo *habitus*, a nosso ver, pode ser o elemento das políticas públicas que permitiram uma melhoria das oportunidades de trabalho e renda, bem como o acesso ao Ensino Superior que encontra uma ressonância direta com essas novas disposições dos estudantes. A ampliação do

FIES e a criação do PROUNI (2005) e do SISU (2010) permitiu a muitos jovens enxergar a universidade um horizonte bem mais próximo:

Como toda política pode ser analisada como um caleidoscópio, não será diferente com o Prouni, que recebeu adesões e também inúmeras críticas. Apesar de poder ser inserido no âmbito de discussões das políticas neoliberais, para atender a interesses do mercado, não se pode desconsiderar o valor que esta política representou para aqueles que somente puderam concluir o ensino superior e uma formação qualificada graças ao Prouni [...] (CÁRIA; SIQUELLI, 2016, p. 34).

Mesmo existindo um debate sobre o caráter neoliberal desta política pública, o fato é que, atualmente, o PROUNI, segundo Rodrigues (2020), oferece mais de 250 mil bolsas de estudo direcionadas a jovens oriundos das camadas populares, oportunizando o acesso à universidade a esta fração da sociedade. Com os estudantes/trabalhadores pesquisados não foi diferente como afirma a docente Maria Elízia de Souza Andrade que leciona na Escola Estelita Timóteo desde 2013:

Alunos de oito, seis anos atrás não tinham tanta perspectiva de Ensino Superior porque eles não conseguiam enxergar uma facilidade em oportunidades. Acho que a palavra é oportunidade. Existia FIES [...] PROUNI... Existiam já todos esses programas, mas eles eram de certa forma mais limitados. Então não havia essa perspectiva tão grande de continuação nos estudos dos alunos [...]

Nessa perspectiva, observamos que estudantes egressos da escola que se valeram destes programas servem de estímulo para os que estão cursando o Ensino Médio: “*Tem muito aluno do Estelita que conseguiu. Meu primo mesmo foi um. Por quê a gente também não consegue?*”, afirma LMF, grupo focal 03. Ao que parece, entre estes estudantes/trabalhadores a função de fomentar a promoção à Universidade que nas classes média e alta flui naturalmente por meio do *capital familiar* (SOUZA, 2012), vem sendo, de certa forma, desempenhada pelos que superaram os obstáculos e alcançaram o ensino superior.

Além dessa possibilidade de acesso à universidade por meio das políticas públicas, um segundo aspecto fortemente observado foi a falta de perspectiva com o trabalho na confecção da qual o diálogo no grupo focal 02 faz referência:

JRS: *_ entrar numa faculdade ou fazer outra coisa pra sair desse inferno*

Entrevistador: *_ por que um inferno?*

JRS: *_ trabalha muito e ganha pouco.*

À exceção de alguns poucos entrevistados com oportunidades reais de se tornar patrões, a grande parte dos jovens reflete essa visão que parece ser um reflexo da posição que essa maioria ocupa na cadeia do jeans. Por um lado, não há preocupação

com o desemprego, mas por outro, a ascensão e o enriquecimento que eram realidades palpáveis anteriormente, hoje não são mais em função, dentre outros, do próprio universo de pessoas que recorrem à confecção como meio de vida. Segundo o SEBRAE (2019), a concorrência é o principal obstáculo ao crescimento para 81,48% dos empresários de Toritama.

Considerações finais:

A condição de estudante/trabalhador inerente aos sujeitos entrevistados nesta pesquisa jamais deve ser interpretada como um mero acúmulo de funções. Isso porque, em se tratando de adolescentes e jovens essa sobrecarga vai repercutir em questões como a eficácia do processo educativo, a inserção qualificada no mercado de trabalho e o exercício crítico da cidadania. Se considerarmos ainda, que cerca de 57% deles vêm de famílias que sobrevivem com até 2 salários mínimos, a reprodução da desigualdade social surge como uma fatalidade.

Considerando o cenário econômico brasileiro é compreensível que muitos jovens se dediquem a estudo e trabalho de forma simultânea. A questão com a qual esbarramos é como os de Toritama, ocupados na confecção em diferentes atividades mais ou menos rentáveis, diante das exigências dessa cadeia de produção, dos conflitos que são próprios da juventude e da escola pública com sua defasagem simbólica e estrutural, conseguem esperar-se nos seus projetos de vida cientes de sua inserção nessa realidade adversa?

No campo das Ciências Sociais essa juventude tem sido objeto de alguns estudiosos. Destacamos no âmbito das produções do TDEPP (Grupo de Pesquisa Trabalho, Desenvolvimento e Políticas Públicas) os trabalhos de Silva (2009) e Neves (2019), ambos com foco na problemática dos jovens em diferentes cidades abarcadas pela economia do Polo.

O modo de viver e pensar assumido por esta parcela da juventude está, obviamente, bastante condicionada aos limites e possibilidades do seu espaço e seu tempo, ou seja, uma Toritama sem muitas alternativas de trabalho fora da confecção. Isto para um perfil de jovem que, nascido nos primórdios do século XXI, presenciou (ou conhece relatos de pessoas próximas) a época do jeans enquanto fonte segura de enriquecimento.

Os próprios altos e baixos da economia de Toritama que compreendem a prosperidade e o declínio do calçado, o desenvolvimento da confecção, os seus tempos áureos e à situação atual são pontos conjunturais que construíram essa realidade encontrada pelos jovens na medida em que eles se descobriam enquanto tais. Ao situar seu conceito de *batalhadores* no campo da dinâmica macroeconômica, Souza (2012) permite analisar o papel destes estudantes/trabalhadores nesse cenário mais amplo, muito além do contexto local no qual muitos pensam estar circunscritos:

O capitalismo não constrói novas ideias, mas, antes de tudo, mobiliza as construções simbólicas já existentes e que desfrutam de alta penetração social em cada contexto, conferindo-lhes um sentido novo que permita adaptá-las às exigências da acumulação de capital (SOUZA, 2012, p. 30).

Do ponto de vista da interpretação qualitativa dos dados foi pertinente considerar os aspectos da macroeconomia mesmo que a maior parte desses jovens esteja voltada para as preocupações mais imediatas. Nesse quadro globalizado as cadeias produtivas locais estão cada vez mais suscetíveis aos impactos das decisões mundializadas. Tanto Toritama que ostenta uma das maiores produções de jeans do Brasil quanto o próprio Polo de Confecções do Agreste como um todo não podem estar alheios a esta conjuntura.

No campo social lidamos com o recorte de juventude muito próprio de um país em desenvolvimento como o Brasil, jovens que acumulam trabalho e estudo, desprovidos de políticas específicas para sua faixa etária, inseridos numa escola pública historicamente desgastada.

Sob esse panorama analisamos como o trabalho interfere na trajetória escolar dos estudantes de ensino médio da escola Estelita Timóteo considerando o elemento peculiar de Toritama que é a atividade da confecção, com sua dinâmica acelerada e seu alcance na economia e no cotidiano da cidade. As respostas não são uniformes e demonstram que transformações estão em curso. Há ainda os jovens cujas disposições apontam para a permanência na confecção da forma como está, ao lado de outros que perseguem outros horizontes tendo o ensino superior como norte. Para os primeiros a escola permanece num lugar secundarizado enquanto que, para os últimos tende a ser ressignificada. A ideia é de que, a partir do presente trabalho, o componente curricular de Sociologia possa fomentar o debate sobre estas disposições a fim de contribuir com o esclarecimento cada vez maior dos estudantes sobre os limites e possibilidades de cada uma delas, bem como problematizar junto ao corpo docente a forma como a escola está

lidando com a questão. O desafio que se impõe ao ensino de Sociologia nesta escola e, conseqüentemente, aos professores da disciplina é a desnaturalização destas relações de trabalho que muitas vezes se mostram violentas.

A informalidade permanece como um traço marcante da cadeia da confecção na região e o caráter familiar nas relações de trabalho é uma realidade para 55% dos entrevistados. Tais circunstâncias se mostraram diretamente ligadas ao nível de precarização das atividades desempenhadas pelos estudantes/trabalhadores. Enquanto o grau de parentesco com o patrão antecipa a entrada destes jovens no mercado de trabalho e absorve maior parte do tempo comprometendo não só estudo, mas também lazer, a informalidade impede o acesso a direitos como férias, previdência e à seguridade social como um todo. Esta é a condição que submete os 95% dos entrevistados que não são donos dos seus empreendimentos.

Considerando esse cenário onde um jovem se vê obrigado a conciliar trabalho e estudo é bem possível o prognóstico de que a sua trajetória escolar é que seja dificultada, isto por tratar-se de uma configuração de juventude muito própria das camadas populares onde a manutenção da fonte de renda é mais urgente.

Ainda que os estudantes/trabalhadores da *Capital do Jeans* não fujam a este padrão, o desejo manifesto de enveredar pelo ensino superior deixa questionamentos no que diz respeito à concepção de ensino médio enquanto o *fim dos estudos*. Outrora muito recorrente entre os jovens da cidade, este entendimento estava muito embasado numa autossuficiência financeira proporcionada pela confecção e refletia num certo desprestígio do conhecimento escolar. Há fortes rumores entre os próprios estudantes de que essas possibilidades de *ganhar dinheiro* com o jeans estão cada vez mais escassas.

Essa desilusão tem a ver com uma memória muito presente na população de Toritama de que o ramo da confecção já foi bem mais promissor. Entre os entrevistados é notório que não há receio de desemprego, porém, a falta de expectativa torna-se frustrante, até porque a imensa maioria (95%) ocupa os postos mais fatigantes da cadeia produtiva como o de costureiras, carregadores, cortadores, etc. A julgar pelo tom de muitas entrevistas a busca pelo ensino superior parece ter surgido como uma alternativa a este sentimento.

Um segundo fator elencado por estudantes e reforçado por professores é a ampliação das políticas públicas de acesso à universidade ocorrida nos últimos anos. De certo, tal disposição não estaria ganhando força se as possibilidades reais não se

fizessem palpáveis, “o que não é objectivamente acessível não passa a ser subjectivamente desejável” como afirma Lahire (2011, p 15). Para os estudantes/trabalhadores estas políticas colocaram o curso superior como uma realidade atingível, ainda que com muitos obstáculos, quase sempre, não encontrados por jovens das classes média e alta. No caso, a necessidade de acumular o trabalho, as limitações escolares e a ausência deste capital nas referidas famílias que até prezam pela presença dos filhos na escola, mas sem o concebimento de que, fora dela, o trabalho na confecção impõe uma série de barreiras ao desenvolvimento escolar como um todo, especialmente quando este trabalho é familiar, o que corresponde a 55% deles

O alto percentual de jovens entrevistados que afirmou a intenção de dar continuidade nos estudos não assemelha a escola Estelita Timóteo a outras de rede particular onde as disposições com foco no ensino superior estão consolidadas, além de ser este um objetivo alcançável por parte destes estudantes geralmente das classes média e alta. Muito embora, nesta mesma escola é crescente entre os estudantes/trabalhadores a noção de que o papel do ensino médio é projetar para o ensino superior. Só que, no caso deles, trata-se de uma disposição que existe, porém, limitada pela insuficiência da escola pública, pela falta de um capital familiar como lembra Souza (2012) e, claro, pelo trabalho. A pesquisa se deparou com este movimento ainda que ele soe contraditório.

É tanto que o que chama mais atenção é o ímpeto destes estudantes/trabalhadores de seguir carreira universitária. O êxito ou não dessas investidas ainda é algo, podemos dizer, em aberto: vão alcançar nota no ENEM para cursar a área pretendida, uma vez que dependem da nota do SISU? No caso de alcançarem nota para um curso diferente do desejado, permanecerão assim mesmo com o risco de não exercer a profissão? Conseguirão conciliar, mais uma vez, o trabalho na confecção e o estudo tendo, muito provavelmente, que se deslocar pra outra cidade? São impasses que se somam a uma discussão mais ampla: este impulso tende a permanecer já que depende das políticas públicas de acesso à universidade num cenário político instável onde as ameaças de descontinuidade chegam a vários dos direitos adquiridos? São questões de uma realidade em movimento.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, M. J. **Memórias de minha terra**. Recife: CEPE, 2007.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 9. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BOURDIEU, P.; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRAGA, B. M. **O informal como tecido social**: os arranjos econômicos, sociais e laborais que constituem o agreste das confecções/Pernambuco/Brasil. João Pessoa: UFPB, 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. [REUNI]. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em: 04 jun. 2020.

BRASIL. [PROUNI]. **Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005**. Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11096.htm. Acesso em: 04 jun. 2020.

CÁRIA, N. P.; SIQUELLI, S. A. O Reconhecimento do valor social do PROUNI na visão dos bolsistas egressantes. **Revista de Ciências Humanas – Educação**, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 28, p. 19-38, jul. 2016. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/2150>. Acesso em: 21 mar. 2020.

FELIPE, E. Polo de Confecções do agreste: da Sulanca à Industrialização. **JC online**, Recife, 2014. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2014/12/14/polo-de-confecoes-do-agreste-da-sulanca-a-industrializacao-160371.php>. Acesso em: 21 mar. 2020.

FUNDAJ. **O Polo de confecções de Toritama**: análise das relações de trabalho e da informalidade. Relatório de pesquisa. Recife, dezembro de 2008.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo, Editora Ática, 1995.

LAHIRE, B. A transmissão familiar da ordem desigual das coisas. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXI, p. 13-22, 2011.

Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2218>. Acesso em: 16 jul. 2020.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

NEVES, M. R. S. **Os herdeiros da costura?: trajetória de jovens trabalhadores da confecção**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande. Paraíba: UFCG, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/9828.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, R. V. O Polo de Confeccões do Agreste de Pernambuco: elementos para uma visão panorâmica. In: OLIVEIRA, R. V.; SANTANA, M. A. **Trabalho em Territórios Produtivos Reconfigurados no Brasil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

RODRIGUES, M. MEC libera consulta de bolsas do Prouni, mas suspende inscrições até liberação do SISU. **G1**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/01/27/mec-libera-consulta-de-bolsas-do-prouni-mesmo-com-inscricoes-suspensas-por-decisao-judicial.ghtml>. Acesso em: 03 jul. 2020.

SILVA, A. P. G. **Do couro do jeans: evolução da economia informal do fabrico de roupa jeans em Toritama – PE**. Monografia (Especialização em História do Brasil República) - Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, UFPB: 1994.

SILVA, S. R. **A juventude na "Sulanca": os desafios da inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte- PE**. 2009. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2009. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2662>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2012.

WACQUANT, L. H. In: CATANI, A. M.; *et al.* **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.